

PREVALÊNCIA DE ANTICORPOS PARA RUBÉOLA EM UM SEGMENTO DA POPULAÇÃO FEMININA, GESTANTE OU NÃO, EM GOIÂNIA (*)

Ricardo ISHAK (1), José Eurípedes LEÃO (2), Divina das Dores de Paula CARDOSO (2) e Orionalda de Fátima Lisboa FERNANDES (3)

RESUMO

Foram testados 205 soros da população feminina (15-35 anos) de Goiânia contra o vírus da rubéola (técnica de inibição da hemaglutinação), para melhor entender à epidemiologia regional de um dos agentes do complexo TORCH. O percentual de indivíduos suscetíveis (título $\leq 1:8$) foi de 10,2% (21/205). Quanto às gestantes, foi possível estudar o grupo etário de 20-30 anos, o qual mostrou um total de 15,5% (11/71) de suscetíveis.

INTRODUÇÃO

A rubéola, uma das doenças exantemáticas da infância, só passou a ser reconhecida como entidade clínica distinta, no fim do século XIX⁹. O reconhecimento da correlação entre rubéola e defeitos congênitos^{5,8}, revestiu essa doença de uma grande importância quando se passou a considerar a infecção da gestante. Este grupo populacional, epidemiologicamente, é considerado de alto risco, quando pensamos em rubéola congênita, pois é através deste grupo de indivíduos que é feita a transmissão do agente ao conceito. Atualmente, o vírus da rubéola é um dos agentes do complexo TORCH, i.e., agentes infectantes intrauterinos capazes de causar malformações congênitas tais como lesão cerebral, retardamento mental, displasia da retina e coriorretinite^{1,6}.

A avaliação sorológica da rubéola, que é no momento a forma mais comum de diagnóstico, pode ter diversas finalidades, como para determinar a prevalência de anticorpos para o vírus em uma população (o que informará sobre dados epidemiológicos e definirá as necessidades de vacinação dentro daquele grupo populacional), para determinar o estado imunoló-

gico de gestantes expostas ao agente, para o esclarecimento diagnóstico de doenças exantemáticas, para a confirmação de casos suspeitos de rubéola congênita e na avaliação de possíveis complicações pós-vacinais.

Foi nosso objetivo avaliar e melhor entender alguns aspectos da epidemiologia regional do vírus da rubéola em um grupo populacional considerado de alto risco: a mulher na faixa etária de 15-30 anos, gestante ou não, em Goiânia.

MATERIAL E MÉTODOS

Duzentas e cinco amostras de soro, colhidas da população feminina de Goiânia, na faixa etária de 15-30 anos, durante os anos de 1978 e 1979, foram obtidas ao acaso, através do laboratório de diagnóstico de viroses. Estes soros foram obtidos pelo laboratório com a finalidade primária de diagnóstico de viroses diversas, além de exames pré-natal e pré-nupcial.

Os soros foram testados contra um antígeno comercial (Flow Laboratories, Inc., Rockville,

(*) Trabalho realizado no Instituto de Patologia Tropical da Universidade Federal de Goiás. Resumo apresentado no 10.º Congresso da Sociedade Brasileira de Microbiologia, Rio de Janeiro, RJ, 1979.

(1) Responsável pela seção de Virologia do IPT-UFGo.

(2) Auxiliar de Ensino da seção de Virologia do IPT-UFGo.

(3) Auxiliar de Ensino da seção de Micologia do IPT-UFGo.

USA) em diluição fixa, de modo a conter 4 unidades hemaglutinantes. As diluições dos soros foram de 1:8 até 1:1024. O teste de inibição da hemaglutinação foi feito pelo método de microtitulação em placas de fundo em "V" de poliestireno (Cooke Engineering Co.), usando-se eritrócitos de pintos não alimentados, de 1 dia de idade, como sistema revelador. Foi feita a remoção prévia de inibidores inespecíficos dos soros testados, pelo método da Heparina (Liquemine, Roche)/MnCl₂, segundo os padrões do Center for Disease Control².

O conceito de positividade foi atribuído àqueles soros que apresentaram títulos de reação $\geq 1:16$, e foram considerados negativos aqueles com títulos inibidores da hemaglutinação $\leq 1:8$.

RESULTADOS

Os dados iniciais, conforme podemos apreciar na Tabela I, mostram que cerca de 10,2% das pessoas examinadas eram suscetíveis ao vírus da rubéola. Quando examinadas por faixa etária não houve grande variação nos níveis de imunidade ou suscetibilidade, aproximando-se sempre da média total encontrada.

O grupo representado pelas gestantes na faixa etária de 20-30 anos (Tabela II), mostrou positividade de anticorpos inibidores da hemaglutinação em 84,5% dos soros examinados e 15,5% não apresentaram anticorpos para o vírus da rubéola. A taxa de suscetíveis é menor na faixa etária dos 25-30 anos.

A distribuição dos títulos de anticorpos inibidores da hemaglutinação na população feminina examinada seguiu os mesmos padrões de frequência, independentemente do fator gestação (Tabela III). Dentre as pessoas consideradas como suscetíveis, apenas duas apresentavam títulos de 1:8 (sendo uma delas gestante). As diluições de 1:32 e 1:64 foram as mais frequentemente encontradas dentre aquelas consideradas imunes.

DISCUSSÃO

Os índices de prevalência de anticorpos para rubéola obtidos em nosso laboratório e mostrados na Tabela I, concordam com os níveis de prevalência de anticorpos inibidores da hema-

TABELA I
Prevalência de anticorpos para o vírus da Rubéola na população feminina de Goiânia, 15-35 anos

	Pacientes examinados	Imunes $\geq 1:16$ * (%)	Suscetíveis $\leq 1:8$ (%)
15 — 20	20	19 (95.0)	1 (5.0)
20 — 25	73	64 (87.7)	9 (12.3)
25 — 30	85	76 (89.4)	9 (10.6)
30 — 35	27	25 (92.6)	2 (7.4)
Total	205	184 (89.8)	21 (10.2)

* Reação de Inibição da Hemaglutinação

TABELA II
Prevalência de anticorpos para o vírus da Rubéola na população feminina, gestante, de Goiânia, 20-30 anos

	Pacientes examinados	Imunes $\geq 1:16$ * (%)	Suscetíveis $\leq 1:8$ (%)
20 — 25	28	21 (75.0)	7 (25.0)
25 — 30	43	39 (90.7)	4 (9.3)
Total	71	60 (84.5)	11 (15.5)

* Reação de Inibição da Hemaglutinação

TABELA III
Frequência de títulos inibidores da hemaglutinação na população feminina em geral e em gestantes

Título	Total	Gestantes
$\leq 1:8$	21	11
1:16	19	7
1:32	88	27
1:64	60	21
1:128	11	1
1:256	4	2
1:512	2	2
Total	205	71

glutinação em comunidades urbanas, o qual pode atingir até 96% em certos grupos populacionais^{3,4,10}. Entretanto, as taxas encontradas podem não corresponder às da população em geral e, para isto, a amostra precisaria ser aumentada. O fato de encontrarmos na faixa etária de 15-20 anos porcentuais que não seguem um padrão lógico de raciocínio, poderia refletir apenas uma tendenciosidade na amostra seleciona-

da, devido ao baixo número de soros examinados naquela faixa de idade. Na análise de gestantes, o percentual obtido indica que cerca de 15,5% da população feminina na faixa etária examinada, entram em período gestacional sem apresentar anticorpos inibidores da hemaglutinação para o vírus da rubéola, constituindo um grupo de alto risco quanto à infecção congênita pelo vírus em questão.

Em nosso País, a rubéola congênita tem passado sem diagnóstico correto, assim como sem notificação científica adequada. Portanto, os dados porventura existentes não são fidedignos. A crença de que uma história clínica de rubéola possa significar imunidade, tem de ser re-analisada, inclusive por indivíduos do corpo médico e paramédico. O fato das pessoas acharem que já tiveram rubéola, não as estimula para que se encaminhem ao laboratório para um teste sorológico específico, que é na verdade, a única maneira correta de conhecermos o estado imunológico da paciente. Mesmo sem conhecimento da situação real em nosso País, a maneira de diminuirmos o número de casos e as consequências da rubéola congênita, é através do conhecimento da amostra populacional suscetível. Para essa população, deve ser oferecida a vacina, observando-se as restrições adequadas. No momento, são poucas as mulheres que têm a rubéola incluída no seu exame pré-nupcial ou pré-natal.

Os padrões de prevalência encontrados por nós, não indicam tendências, por não existirem estudos similares, anteriores a este, em Goiás. Seria interessante que em nosso País, estudos soroepidemiológicos desta natureza fossem efetuados a intervalos regulares de pelo menos 5-10 anos; primeiro, para efeito de conhecimento básico de ajuda ao clínico e às autoridades de Saúde Pública, e segundo, para que sirvam para a análise de possíveis tendências naturais do vírus, ou tendências impostas pelo homem à epidemiologia do agente.

Atualmente, em virtude do desencorajamento da vacinação⁷, resta-nos observarmos qual será o efeito da conscientização da população em geral, pela popularização cada vez maior, dentro da comunidade leiga, em considerar o vírus da rubéola, como um agente teratogênico.

SUMMARY

Prevalence of rubella antibodies in a female population sample, including pregnant women, in Goiânia, Goiás State, Brazil.

Two hundred and five sera from the female population of Goiânia, in the age group 15-35 years, was surveyed for the presence of hemagglutination-inhibition antibodies against rubella, in order to elucidate some local aspects on the epidemiology of one of the ToRCH complex viruses. The percentage of non-immune individuals (with titers $\leq 1:8$) was 10.2% (21/205). A group of pregnant women in the age group 20-30 years showed a total of 15.5% (11/71) susceptibility. As a preventive measure, it is highly recommendable that women of childbearing age have a blood test done, as well as, the vaccination of those considered as non-immune, according to the individual situation.

AGRADECIMENTO

Ao Dr. Alejandro Luquetti Ostermayr, pela leitura e valiosas sugestões.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BLATTNER, R. J.; WILLIAMSON, A. P. & HEYS, F. M. — Role of viruses in the etiology of congenital malformations. *Prog. Med. Virology* 15: 1-41, 1973.
2. CENTER FOR DISEASE CONTROL. Standardized rubella hemagglutination-inhibition test. USDHEW, PHS, Atlanta, Georgia, 1970.
3. CLARKE, M.; BOUSTRED, J.; SCHILD, G. C.; SEAGROATT, V.; POLLOCK, T. M.; FINLAY, S. E. & BARBARA, J. A. J. — Effect of rubella vaccination programme on serological status of young adults in United Kingdom. *Lancet* 1: 1224-1226, 1979.
4. ESTRELLA, V. M. A. — Anticorpos para rubéola em Porto Alegre. I. Em mulheres de 20 a 40 anos. *Rev. Inst. Med. trop. São Paulo* 16: 337-340, 1974.
5. GREGG, N. M. — Congenital cataract following german measles in the mother. *Trans. Ophthalmol. Soc. Australia* 3: 35-46, 1941.
6. NAHMIAS, A. J.; WALLS, K. W.; STEWART, J. A.; HERMANN, K. L. & FLYNT JR., W. J. — The ToRCH complex-perinatal associated with toxoplasma and rubella, cytomegalic and herpes simplex viruses. *Pediatrics Res.* 5: 405-406, 1971.

ISHAK, R.; LEAO, J. E.; CARDOSO, D. das D. de P. & FERNANDES, O. de F. L. — Prevalência de anticorpos para rubéola em um segmento da população feminina, gestante ou não, em Goiânia. *Rev. Inst. Med. trop. São Paulo* 23: 139-142, 1981.

7. PORTARIA N.º 221/Bsb DE MAIO DE 1978. Boletim Epidemiológico da FSESP 10: 85-89, 1978.
8. SIEGEL, M. & GREENBERG, M. — Fetal death, malformation and prematurity after maternal rubella: results of prospective study, 1949-1958. *New Engl. J. Med.* 262: 389-393, 1960.
9. VEALE, H. — History of an epidemic of Rotheln, with observations on its pathology. *Edinburgh Med. J.* 12: 404-414, 1866.
10. VERONESI, R.; MOURA, R. A.; PENNA, H. A. O.; STRAUSS, A.; ZUCCAS, W. A. & ISSLER, H. — Rubéola em São Paulo: inquéritos sorológicos em 349 indivíduos. Avaliação clínico-sorológica de dois tipos de vacinas de vírus atenuados. *Rev. Hosp. Clín. Fac. Med. São Paulo* 26: 65-68, 1971.

Recebido para publicação em 18/8/1980.